

# CARMÉLIA, POR AMOR

Como uma homenagem à sua personalidade fortíssima e para divulgar a beleza de suas crônicas, um grupo de amigos jornalistas resolveu montar o espetáculo **CARMÉLIA, POR AMOR** — uma espécie de retrospecto da vida e da obra da jornalista Carmélia M. de Souza, que morreu no ano passado, depois de ter participado de toda a evolução da imprensa capixaba.

O espetáculo, escrito por Milson Henriques e Amylton de Almeida, de **A GAZETA**, será apresentado no teatro Carlos Gomes, possivelmente em agosto e conta com a participação, além dos dois autores como intérpretes, de Maura Fraga, redatora de **A Tribuna**; Mariangela Pellerano e Aprígio Lyrio, redatores de **A GAZETA**, além do pianista Gilberto Garcia e um trio. Aprígio, Maura e Gilberto também cantarão as músicas, não só as preferidas da homenageada, como também as que definem com exatidão os anos 50 e 60, épocas em que o texto mais se detém.

O espetáculo — que vem sendo ensaiado no auditório do edifício **A GAZETA** — foi dividido em duas partes, com textos de narração e uma montagem das crônicas de Carmélia, de acordo com seus temas habituais — a paixão pela cidade de Vitória e todas as implicações sentimentais da desilusão amorosa. O artista plástico Paulo Cesar Henrique Jevaux será o responsável pela execução e criação dos cenários.

"A idéia central do espetáculo" explica Amylton de Almeida, "é enfatizar a força e grandeza espiritual de Carmélia M. de Souza, uma pessoa que se manteve sempre fiel às exigências e crueldades da paixão, obtendo, como recompensa, a humanidade do senso de humor. Em termos particulares, eu devo a Carmélia a primeira oportunidade na imprensa, em 1966, quando esta profissão dificultava o ingresso de "certas" pessoas. Mas não se trata de agradecimento. Eu aceitei fazer o show — e estreiar como intérprete — porque eu acredito nas mesmas coisas que Carmélia acreditava. Para mim, participar deste espetáculo é um ato de amor. Inicialmente, eu e Milson Henriques enfrentamos a dificuldade de excesso de material deixado por Carmélia e como dar um desenvolvimento cênico a eles. Fomos obrigados a eliminar muita coisa e a solução foi manter, no original, grande parte do texto, antecipado por uma fala explicativa".

"Ao montar estes textos — alguns deles, inéditos; outros, cartas para amigos — pensamos em distribuí-los entre os outros participantes do show, que foram amigos de Carmélia. Nosso objetivo foi e continua sendo homenagear o amor, a beleza, a solidariedade e a confiança, valores tão esquecidos

atualmente, como se sabe. Este é o único aspecto "anaerônico" de **Carmélia, Por Amor**: a sua crença no ser humano", afirma Amylton de Almeida.

Para Mariangela Pellerano, "é muito importante para mim estar neste show. Já fiz muito teatro infantil, mas esta é a primeira vez que faço um espetáculo adulto e sendo uma homenagem a ela, fica sendo muito mais importante. A minha contribuição é repetir com muito amor, as coisas que ela disse, a sua ternura, a sua poesia, da sua vida tão cheia de gente e da sua casa tão solitária, de sua dor e do seu amor inteiro pelas pessoas e pelas árvores, pelos pássaros e pelos gestos. Ela foi a pessoa mais bonita que eu tive a felicidade de conhecer e amar, por toda a sua fantasia, o seu lirismo, e o seu modo de encarar a vida: uma coisa bela e triste. Espero que da estrela em que esteja, goste do que estamos fazendo".

## HUMOR

"Fazer teatro é sempre uma experiência gratificante", segundo Aprígio Lyrio, "pelo espírito criativo ou pelo exercício mental pelo qual as pessoas envolvidas são forçadas, ou melhor, intimidadas. E, principalmente, quando o tema central gira em torno de uma personalidade marcante, pela sua grande contribuição aos movimentos artísticos capixabas, sutil em todos os seus momentos e de senso de humor difícil de encontrar hoje em dia; assim foi Carmélia. M. de Souza, sob meu ponto de vista. Uma pessoa também marcada e com grande poder de adaptação às mais variadas situações, mesmo que tentasse anular de sua vida os turbulentos e poluídos anos 70. E sobre o espetáculo em si, composto de uma série de crônicas de Carmélia, com alguma dinâmica, é trabalho bastante difícil, em termos de montagem, pois predominam monólogos. Mas todos os seus escritos foram ricos, com sua linguagem completamente atual e não só sentimentais, mas também fazendo uso de um cortante humor".

## GARGALHADA

"Fui amiga de Carmélia 500 anos", afirma Maura Fraga, "desde um dia em que ela, sem mais nem menos, me apareceu cheia de cumprimentos, enroscando-se em todas as pessoas que se encontravam no Britz Bar e dizendo que sentia muito prazer em me conhecer, quando devia ter sido tudo exatamente o contrário. De lá para cá, ela virou Magnólia. Eu virei bruxa. Cantei um show que ela fez no late — Depois do Carnaval — debaixo do maior vexame porque nós não organizamos nada a não ser nossos copos no camarim e deu no que se viu. Isto lá pelos 67 ou 68. Das tardes na ex-FAP e nos botequins

do mercado da Capixaba, nós caímos nas casas dos grã-fios; sofremos desastres e chegamos até a ser presas juntas — por baderna, evidentemente. Levamos cinco meses comemorando a despedida de solteira de Regina Egito e outros tantos chorando a sua partida, entre conhaques, vinhos, cervejas, dependendo do dinheiro e do tempo que fazia lá fora. Se Magnólia não tivesse morrido e fosse fazer um show em sua própria homenagem, tenho certeza de que me incluíria no elenco. Por isso eu vim e vou fazer tudo direitinho, com seriedade, mesmo que, às vezes, no palco, me dê uma vontade louca de cair na gargalhada, porque muitos de nossos momentos hoje considerados sérios, não passaram da maior confusão".

## CONSIDERAÇÕES

Milson Henriques explica sua visão do show:

A década de 50 foi do endeuamento total do desamor, desencanto e desespero (**Ninguém me Ama, Mesa de Bar, Se Eu Morresse Amanhã de Manhã**), que formavam a trilogia da Fossa. Eu vivi plenamente essa fase. Era jovem, livre, morava em Copacabana, quando esta era ainda "a melhor cidade da América do Sul". Meu desespero maior era não ter desespero maior para curtir. Mesmo assim, enchia a cara no fundo dos inferninhos, cantando "velhice chegando e eu chegando ao fim".

"Vitória, década de 50: Carmélia vivia a mesma idade que eu. Com a diferença que morava numa cidade moralista do interior, era mulher, recém-saída de um colégio de freiras e de um sanatório ("minha vida foi partida pela metade"), aceitando a velhice em plena juventude. Sem se entregar".

Alguém está berrando que não tenho direito de fazer este show, alegando que quando Carmélia morreu, nós já não éramos tão amigos assim. Isso é assunto meu. Minha intenção não é homenagear a amiga, e sim, a mulher corajosa que abriu clareiras de autenticidade numa ilha cheia de parasitas da moralidade".

"Sou ateu completo. Tanto em relação aos deuses (qualquer um) quanto aos homens (qualquer um). Embora concorde com Shakespeare, quando ele diz que entre o céu e a terra existe algo mais do que supõe a nossa vã filosofia — **yo no creo en bruxas, pero...** Afinal, a preocupação maior de todos nós que estamos no espetáculo é realizar algo que fosse do agrado dela. Ou que seja do agrado dela, sei lá. Porque até agora ninguém ainda descobriu quem foi a misteriosa figura moleca que apagou as luzes quando nós estávamos no primeiro ensaio".



Amylton de Almeida



Aprígio Lyrio



Mariangela Pellerano



Maura Fraga



Milson Henriques

## Um trecho do texto da peça

SEGUNDA PARTE  
LUIZ GERAL  
MILSON

— Alguns de vocês devem estar achando este show incompleto, por estarmos esquecendo fatos importantes da personalidade de Carmélia. A gente sabe disso, a gente sabe de sua coragem e da sua participação nas coisas e movimentos importantes desta ilha e desta vida. A gente sabe o quanto ela odiava a miséria e a injustiça e o quanto tentou lutar contra isso. De sua audácia e seu sofrimento por usar romper velhos padões. A gente sabe da importância do seu pioneirismo na nossa imprensa e nos meios revistas da cidade e participando e incentivando os pequenos jornais universitários. A gente sabe tudo isso. Mas estamos aqui para falar de amor, apenas amor. Da Carmélia que criava na solidão do seu quarto uma hipotética cobrinha, batizada como Mildred — "porque se algum dia entrar um ladrão ela me ajuda a pegar o bruto pra mim" — e de uma hipotética melancia, para ouvir o barulho dela crescendo.

GILBERTO

Falar da Féia dos amigos, da Magnólia querida, que amava os pardais da Costa Pereira ao anoitecer e o amanhecer no restaurante Mar e Terra. Falar das suas mãos estendidas em busca dos seus impossíveis amores.

APAGA LUZ GERAL FOCO  
MARIANGELA

"Me desculpe. Eu não queria que você sentisse nada, eu não queria que você sentisse a dor de me saber de repente assim — tão mau caráter, tão despida de minhas ternuras, de minha pretensa bondade, de todas as coisas que sempre aparentei ser e ter (e que você sempre tanto amou em mim, eu sei) e que na verdade, agora você ficou sabendo que eu nunca tive. Me desculpe. Porque fui eu esculpida pedra para cercar o jardim dos outros?".

AMYLTON

"E eu me queria menos triste hoje. Sem sustos. Sem medos. Sem mágoas. Sem remorsos. Sem pecados. Eu me queria pertencida a você. Eu me queria sua. E, no entanto, eu sinto dor".

MARIANGELA

"Hoje eu me queria perto. Simples. Sem medo. O vento soprou e eu não tinha ninguém para arrumar os meus cabelos."

AMYLTON

"E depois de tudo isso, veio a chuva — você se lembra? e então, eu lhe pedi que não tivesse medo. Você riu. Riu de medo. E eu fiquei com pena de lhe querer tão sem medo e tanto, que lhe cobri com minhas mãos, com meus braços, com minhas palavras, com meu silêncio, enfim".

MARIANGELA

"Mas se você quiser ouvir de novo, eu te digo. Eu te digo que é gostoso sair das tuas mãos nos meus cabelos. Eu te digo que o mar fica mais bonito quando você está perto".

AMYLTON

"Eu te digo que a noite fica muito mais escura dentro dos seus cabelos e que o amanhecer nos seus olhos, não é fazer nem melhor nem mais belo do que a tua presença. A tua presença amiga, amante, querida, a tua presença que me dá a vida que eu nunca tive coragem para pedir a ninguém".

MARIANGELA

"E eu te tenho hoje como o surgir de uma flor que eu plantei".

AMYLTON

"Eu te tenho hoje como parte de mim, do que eu 'fui e sou, e soui'".

MARIANGELA

"E eu te tenho hoje ao mesmo tempo com um pouco da pessoa que eu não fui, que eu não consegui ser".

AMYLTON

"Hoje, mais que nunca, você dói em mim. Você dói na saudade das tardes que te busquei pelas ruas aflitas da cidade amada. Você dói nas lembranças de todas as luas cheias e de mãos dadas, que a gente andou junto, falando bobagens, e fazendo promessas, que só você não cumpriu".

APRIGIO CANTA  
"SUAS MÃOS"

"Mas olha, meu amor, eu tentei e consegui atravessar o rio, dinamitar a ponte. Você não é um homem, nem u'a mulher, nem um coqueiro, nem um pé de manga. Você é apenas, muito apenas e simplesmente, uma pessoa".

AMYLTON

"E, depois, a gente passou a respirar juntos. A dizer, calados, as mesmas palavras. A ouvir as mesmas palavras. Te lembrás? Se não te lembrás, eu vou te lembrar. Veio a chuva. Diz que me ama — eu te pedi".

MARIANGELA

"Não tenho certeza."

AMYLTON

"Um dia você disse que me amava. Diz que me ama".

MARIANGELA

"Não pergunte. Eu já disse".

AMYLTON

"Eu sei que você é uma dor. A dor de eu não poder repartir com você essa lua cheia de começo de noite. E esse arrebatador de sol de fim de dia. A dor de eu não poder saber perto de mim, sob estes céus de outono".

MARIANGELA

"Por exemplo: esse amor. Esse medo. Esse desespero. Essa aflição. Essa alegria. Essa ternura. Esse céu. Esse mar. Essa desordem gramatical. Essa saudade e essa vontade de que um amigo querido estivesse aqui".

AMYLTON

"Eu não te vejo agora, meu amor. O retrato está longe, dentro de uma gaveta, cuja chave eu não tenho hoje. Mas eu te busquei, eu te amo lá dentro dessa gaveta, ou fora dessa gaveta. Que importância tem as gavetas fechadas se se pode ter ou tocar as coisas que estão lá dentro?".

MARIANGELA

"Não despatalarei mais, nunca mais, os bem-me-quereres da praça, enquanto você estiver ausente. E como não tenho nada pra fazer, eu me dou a saudade e a saudade, ao céu, ao silêncio, à irresponsabilidade maravilhosa de amar ao que vier. Em verdade, nesta noite, quase manhã, eu confesso que me sinto um pouco mutilada. Inutilmente, ar-mãos, inutilmente".

AMYLTON

"Houve também uma tarde no início de toda confusão que havia, em que alguém me garantiu que não adianta, os que amam serão sempre assim: tristes, só, líricos e desesperados".

MARIANGELA

"Então — imagine — eu sinto o sentimento do meu coração. Da minha sorte. Da minha pranto. Do barulho do mar, indo e vindo. E te vejo e te sinto em tudo que está em volta e dentro de mim. De mim — eu, que não sou gaveta, nem barco parado, sem rumo — que sou apenas Carmélia Maria de Souza. E te amo. Te amo batendo à boca. Maura canta "PORQUE TINHA O SER".



Amylton, Milson, Maura, Aprígio e Mariangela nos ensaios